

Drogas e álcool na relação com a violência: o olhar de adolescentes em situação de rua

Dorian Mônica Arpini
Camila dos Santos Gonçalves

*Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, RS, Brasil*

RESUMO

Este artigo é resultado de um estudo acerca da violência do ponto de vista de adolescentes em situação de rua. A pesquisa foi delineada por uma abordagem qualitativa e utilizou como técnicas de coleta de dados entrevistas não diretivas e grupos focais. Os participantes foram adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 12 e 18 anos. Os dados foram analisados através da análise de conteúdo. Os principais resultados apontam que os adolescentes atribuíram uma forte vinculação entre a presença de drogas e álcool nos eventos violentos. Além disso, o álcool e as drogas foram apontados como o maior fator gerador de conflitos na família, sendo responsável por grande parte da violência nas relações intrafamiliares. Identifica-se a vulnerabilidade desse grupo social em relação ao uso de drogas e álcool e aos eventos violentos, principalmente no âmbito familiar.

Palavras-chave: adolescentes; violência; drogas.

ABSTRACT

Drugs and alcohol use and their relationship to violence: the perspective of adolescents in street situation

This article is the result of a study about violence carried out with adolescents in street situation. The research was designed considering a qualitative approach and its data collection techniques were non-directive interviews and focal groups. Adolescents, from both sexes, aged 12 to 18, participated on the study. Data was analysed through content analysis. Main results point out that adolescents attributed a strong link between alcohol and violence presence in violent events. Moreover, alcohol and drugs were pointed out as the main factors that generate conflicts in the family, also responsible for violence in intra-family relationships to a great extent. Vulnerability concerning drug and alcohol use and the violent events in this social group was identified, mainly regarding the family context.

Keywords: adolescents; violence; drugs.

RESUMEN

Drogas e alcohol en relación con la violencia: El ollar de adolescentes "chicos de la calle"

Este artículo es el resultado de un estudio sobre la violencia que fue realizado con adolescentes que viven en la calle. La pesquisa fue definida por un abordaje cualitativo y utilizó como técnicas de recolección de datos entrevistas no directivas y grupos focales. Los participantes fueron adolescentes, de ambos los sexos, con edades entre 12 y 18 años. Los datos fueron analizados a través del análisis de contenido. Los principales resultados apuntan que los adolescentes atribuyeron una fuerte vinculación entre la presencia de drogas y alcohol en los eventos violentos. Además, el alcohol y las drogas fueron apuntados como el mayor factor generador de conflictos en la familia, siendo responsable por grande parte de la violencia en las relaciones intrafamiliares. Se identifica la vulnerabilidad de ese grupo social en relación al uso de drogas y alcohol y a los eventos violentos, principalmente en el ámbito familiar.

Palabras clave: adolescentes; violencia; drogas.

INTRODUÇÃO

Atualmente a violência tem sido apresentada como um fenômeno que atinge a toda a sociedade, porém neste estudo procuramos enfatizar a compreensão da violência em relação aos adolescentes em situação de rua¹, entendendo que há uma estreita relação entre os aspectos que envolvem a violência e esses adolescentes.

Segundo Soares (2004) vivemos “uma guerra fratricida e autofágica, na qual meninos sem perspectiva e esperança, recrutados pelo tráfico de armas e drogas (e por outras dinâmicas criminais), matam seus irmãos, condenando-se, também eles, a uma provável morte violenta e precoce, no círculo vicioso da tragédia” (p. 131).

Dessa forma, entendemos que existe uma violência que é vivenciada por esse grupo de adolescentes, que estão excluídos, colocados à margem do que lhes é apresentado como ideal. Entendendo que esse processo influencia a forma como os adolescentes se relacionam e constroem suas identidades, ao mesmo tempo em que o fato de estarem nesse lugar de quem não possui o “mínimo necessário” é que muitas vezes eles são vistos e identificados como ameaçadores pela sociedade e, portanto, como violentos (Costa, 1994; Levisky, 1997). Segundo Soares (2004) muitos jovens brasileiros são hoje “socialmente Invisíveis”, invisibilidade que decorre principalmente do preconceito e da indiferença. “Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito” (p. 132). Ainda seguindo as ideias do autor o estigma tem relação direta com a identidade, dissolvendo a mesma e construindo em seu lugar um retrato estereotipado. Nesse caso específico dos adolescentes estaríamos vendo neles elementos perigosos, potencialmente violentos, aqueles aos quais podemos ver como refere Foucault (1997) o criminoso antes do crime.

Porém conhecemos outra forma de invisibilidade que atinge esse grupo de adolescentes no Brasil e que tem a ver com a indiferença. A indiferença se encontra presente em nosso cotidiano e muitas vezes nem nos damos conta de sua presença, mas por meio dela nos poupamos de muito sofrimento e de cenas que sem esse recurso nos deixariam abalados, fragilizados, sendo motivo de muitas angústias. Porém, a indiferença pode ser um mecanismo protetor para alguns, mas para aqueles a quem ela é dirigida, a recebem com alto grau de sofrimento que produz efeitos em sua subjetividade (Soares, 2004).

Este aspecto também foi colocado por Rosa (2007) ao referir a situação traumática vivida por meninos

de rua, assim chamados, entre outras coisas, por não possuírem proteção do discurso familiar. Esses meninos têm em comum o fato de terem de contar com o próprio discurso para sobreviver no espaço da rua.

Se pudermos identificar tais adolescentes como recebendo tal estigma, não resta dúvida de que é preciso enfrentar a problemática. Esse enfrentamento pode se dar pelas diferentes tentativas de compreensão do problema abrindo novas perspectivas e possibilidades de superação, não permitindo que a “profecia se autocumpra” como refere Soares (2004), querendo nos mostrar que um olhar contemplativo ao problema, sem criticidade nos levará ao final ao encontro do veredicto esperado, ou seja, eles serão mesmo jovens violentos, já estava pré-destinado.

É com essa compreensão e esse desafio que surgiu nosso interesse, na medida em que estamos buscando uma melhor compreensão desta realidade, de modo que possamos encontrar novas formas de atuação e qualificação das ações dirigidas para esse grupo social.

MÉTODO

Nosso objetivo foi conhecer como estes adolescentes em situação de rua representam a violência em seu discurso. Como também, quais as causas dessa violência e a quem eles atribuem as violências vivenciadas.

Para alcançar os objetivos propostos trabalhamos com as técnicas de entrevistas não-diretivas e grupos focais com adolescentes entre 12 e 18 anos, de ambos os sexos, que estão vivenciando situação de rua. As entrevistas e os grupos focais foram gravados e posteriormente transcritos, e constavam com os consentimentos dos participantes devidamente registrados. Tivemos contato com estes adolescentes em duas instituições que recebem esta clientela, as chamadas Escolas Abertas, numa cidade do interior do estado do RS. Essas Escolas caracterizam-se por serem Instituições que funcionam em turno integral; num turno oferecem o ensino regular, por ciclos, em turmas menores de em torno de 10 alunos e no turno oposto oficinas variadas como: culinária, redação, pintura, artesanato, horticultura, etc. Outra característica das escolas é oferecer três refeições para os alunos: café-da-manhã, almoço e lanche da tarde.

A entrevista não-diretiva e os grupos focais permitem, uma flexibilidade de relacionamento entre pesquisador/pesquisado, reduzindo os efeitos de uma imposição direta da problemática a ser investigada, o que no caso desta pesquisa, dificultaria o processo de interação com os sujeitos envolvidos (Bleger, 1981).

Especificamente por se tratar de um universo composto por adolescentes, identificamos que o grupo focal foi uma técnica que se mostrou bastante significativa, pois através do mesmo os adolescentes puderam se manifestar espontaneamente estabelecendo uma discussão sobre a temática, apontando criticamente suas opiniões e tendo uma participação ativa.

Foram realizadas dez entrevistas individuais e três grupos focais com os adolescentes, as entrevistas e os grupos foram analisados na íntegra. No decorrer do trabalho as falas dos adolescentes serão identificadas por sexo, idade e instituição.

As entrevistas foram realizadas tendo como referência os seguintes eixos norteadores: Solicitação para falar sobre a violência e quais as possíveis causas dessas violências. Embora seguindo estes eixos o entrevistador procurou deixar que o entrevistado ficasse muito a vontade para abordar o tema e desenvolvê-lo conforme seu estilo. Dessa forma o entrevistador só foi motivando o entrevistado e quando necessário clareando as questões que iam sendo narradas.

Conforme refere Chizzotti (1998) as entrevistas não diretivas permitem obter informações baseadas no livre discurso do entrevistado, porém salienta que o entrevistador deve “manter-se na escuta ativa” e com “atenção receptiva a todas as informações prestadas”, intervindo com “discretas interrogações de conteúdo ou com sugestões que estimulem a expressão mais circunstanciada de questões inerentes a pesquisa” (p. 93).

Com relação aos grupos focais, os mesmos foram realizados contando com 10 adolescentes em cada grupo, sendo ao total 30 adolescentes que foram envolvidos nos grupos. Os grupos assim como já referimos em relação às entrevistas tiveram os mesmos eixos norteadores, porém os adolescentes participaram ativamente da proposta discutindo e debatendo sobre a temática. Segundo aponta Jovchelovith (2000) os grupos permitem a expressão de vozes singulares que ao serem colocadas em debate com os demais podem revelar a diversidade da realidade e ao mesmo tempo a relação de cada sujeito com ela. “é precisamente do conjunto multifacetado de experiências únicas que a totalidade da realidade social emerge” (p. 113).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As relações entre família e situações que envolvem violência ou diferentes formas de sofrimento têm sido frequentemente abordadas por pesquisadores na tentativa de compreender suas origens e seus efeitos. Segundo Assis (1999); Assis e Constantino (2005) e Feijó e Assis (2004) na compreensão das famílias dos

adolescentes que cometeram ato infracional há uma família vulnerável. Vulnerabilidade que está associada a dificuldades referentes a situações socioeconômicas, além de dificuldades emocionais decorrentes de separações, da necessidade de manutenção da educação e do sustento familiar por um único membro, nesse caso em geral a mãe (Goldani, 1994).

Em relação à dinâmica familiar de crianças que se encontram nas ruas Rizzini & Rizzini (1996) e Rizzini & Silva (2002) também apontam o enfraquecimento dos vínculos familiares como um fator importante, sendo famílias pobres, nas quais os filhos são precocemente imbuídos de participarem do orçamento familiar, ou mesmo a sua saída de casa está marcada pela tentativa de obter ganhos que a família já não pode manter, por outro lado as autoras apontam ainda o fato de serem famílias com conflitos graves que muitas vezes determinam a saída dos filhos de casa. Em relação a este aspecto Peres (2001) em estudo realizado em Goiânia aponta as relações entre a pobreza e sua interferência na família e a saída para a rua como uma estratégia familiar para a sobrevivência.

Tais situações vão construindo famílias aonde as relações vão se fragilizando, sendo que muitos dos adolescentes referem que seus próprios pais não são a referência para se construir um projeto de vida, apesar de verem-se envolvidos em situações de vida muito próximas das experienciadas no contexto familiar. (Arpini, 2003; Feijó e Assis, 2004).

Esse conjunto de problemáticas familiares também foi apontado pelos adolescentes que participaram do presente estudo, e foi referido como o grande determinante de ações violentas. Porém, junto a essas situações de violência, abandono e negligência vividas na família os adolescentes identificam a presença do álcool e das drogas como os grandes vilões desses episódios onde a violência se faz presente. A maioria deles tem pais alcoólatras ou usuários de drogas ou então vivem estas experiências com avós, tios ou irmãos mais velhos. Todas as situações referidas de violência na família ou vizinhança trazem sempre a presença marcante dos efeitos do uso de álcool e drogas.

Assim as drogas e o álcool foram apontados pelos adolescentes como sendo o principal agente gerador de violência. De forma recorrente, nos mostraram a forte incidência dessas substâncias nos acontecimentos considerados violentos, como é possível ver segundo a fala dos adolescentes:

“O principal da violência é a droga... o que trás a violência é a droga.” (Adolescente, sexo masculino, 16 anos, Instituição 1)

A entrada de álcool e drogas na vida dos adolescentes pode ser percebida como um elemento que vem do contexto familiar, mesmo que ali na infância isso tivesse sido motivo de grandes sofrimentos, parece que também será essa experiência que facilitará a adesão a esse universo. A experiência familiar que mesmo fragilizada, se constituiu como uma referência tornará a entrada nesse universo já familiar um caminho bastante acessível. Como a fala a seguir caracteriza:

“Não sei, às vezes ele se envergonha ou não se sente bem em casa, falta de amor, carinho. ... um pouco foi porque ele [pai] bebia muito, cachaça que fez isso, eu acho né. Acho que foi mais a cachaça, ele sempre brigava na venda, coisurada, chegava brigava com a mãe. Ele ficou um tempão em casa doente, batia nas crianças, até em mim ele batia, às vezes dava soco... doente. Daí um dia a mãe chamou a polícia e mandou internar ele.” (Adolescente, sexo masculino, 16 anos, instituição 1)

Acrescenta-se a este aspecto, o fato de que, os valores apresentados mostram no mundo das drogas, principalmente, um lugar onde se ganha acesso a uma “posição”, um certo “poder”, uma certa “força” capaz de gerar medo aos demais e o acesso a bens de consumo não possibilitados em nossa cultura pelo trabalho principalmente no grupo estudado. Além desses aspectos existe também o acesso a um certo lugar de privilégio nas relações afetivo-sexuais, uma vez que pertencer a um determinado grupo ou mesmo dominar certas situações dá “status”, no caso de meninos, com as garotas, ou seja, passam a ser desejados por elas, aspecto que representa um importante ponto de referência para adolescentes que buscam uma afirmação. Pesquisa realizada por Assis (1999) aponta que: “Segundo os jovens, os motivos básicos que justificam sua entrada no tráfico são: dinheiro, mulher e respeito. As perdas familiares também surgiram como explicações, tais como a morte de parentes e expulsão de casa” (p. 145).

Dessa forma, como refere Zaluar (1994) é difícil não identificar-se com os heróis que a própria cultura cultiva e enaltece a falta ou a carência de outras formas de subjetivação que tenham reconhecimento ou “valor” identitário na sociedade também facilitam o acesso ao universo das drogas. Segundo Dimenstain et al. (2004) uma juventude que não tem lugar no mundo do trabalho é cada vez mais criminalizada e exterminada. Eles são pobres “porque não se empenham o suficiente para achar trabalho” e seus filhos morrem porque escolheram “o caminho mais fácil”, isto é, a carreira do crime (Dimenstain et al., 2004, p.33).

Não se trata aqui de uma condenação fácil ou simplista, de um ou outro mundo, mas apenas a tentativa de compreensão das dificuldades que se impõem na subjetivação dos adolescentes em sua grande maioria. A ausência de perspectivas, a indiferença e a invisibilidade não conseguem frear ou evitar a entrada num mundo que mesmo que possa acabar cedo, promete experiências interessantes, desafiadoras além da possibilidade de reconhecimento. Este aspecto foi apontado por estudos como os de Assis (1999) e Zaluar (1994) as quais evidenciam que neste universo a vida em geral tem um tempo marcado. Assis (1999) aponta também através do depoimento de adolescentes a relação com a morte como algo que passa a fazer parte da realidade desses adolescentes, onde muitos de seus amigos já se foram.

Os próprios jovens referem que o manejo dentro deste universo e em relação ao grupo traz “respeito” em relação aos demais e mesmo entre os moradores, ele passa a ser um sujeito temido, que produz medo, ao mesmo tempo em que admirado por sua coragem, sua bravura e pelas ações que é capaz de cometer. É como se o histórico que aterroriza ao mesmo tempo dá valor dependendo do lugar de onde se olha. Sobre este aspecto Assis (1999) refere que a participação no tráfico oferece a esses jovens uma clara sensação de poder, pois a combinação de respeito e medo que passam a impor aos colegas e a comunidade cresce a medida que são capazes de matar e trocar tiros sem demonstrar insegurança. Em relação a este aspecto a fala do adolescente abaixo mostra com muita clareza:

“Com 15 anos eu comecei nessa vida e aí depois com 16 eu já tava bem dizê famoso (...) Eu tinha essa fama antes, se me fizesse uma coisa hoje, amanhã eu dava o troco em dobro ainda... Eu era bem ruim antes, agora não. (...) É fiquei como um líder, eu e meu irmão, bem dizê, que meu irmão tem homicídio e todo mundo puxa o saco dele...que tem homicídio, que não sei o que (...) Homicídio todo mundo respeita ele, ele matou um e tem mais uma tentativa.” (Adolescente, 17 anos, sexo masculino, Instituição 1)

Talvez uma das possibilidades de compreender esse processo, seja a constatação de que a sociedade não tem sido continente o suficiente para oferecer formas menos dramáticas de reconhecimento social. Parece um paradoxo que o que mais a sociedade teme e se assusta é o que ela mais facilmente acessa aos jovens, precisando depois recorrer a mecanismos punitivos institucionais para frear o que perdeu o controle,

ou seja, ao invés de contenção a punição. Diógenes (1998) em estudo realizado com grupos de gangues evidencia que a entrada nesses grupos pode representar uma filiação necessária diante da falta de referentes que a sociedade apresenta aos adolescentes, e a sua participação nesses contextos, têm um significado bem mais complexo, dando sentido à própria construção de identidade de seus participantes.

Esses adolescentes enfrentam uma época na qual o dinheiro e o êxito social são valores predominantes, e em que o uso de drogas, a banalização da violência, o fracasso social, dentre outros, são utilizados como mecanismos de manutenção destes valores.

Sabemos que a falta de referentes que permitem essa identificação promove o sentimento de não-pertencimento, de não-filiação, aspectos já apontados por Castel (2000), Paugam (1999) e Dimenstain et al. (2004), assim esses jovens se encontram a procura de referências, de um lugar, de se sentirem fazendo parte, acolhidos, integrados, incluídos. Podemos afirmar que nesse caso então este universo das drogas tem se colocado como uma possibilidade de inclusão, de enraizamento, de filiação.

Filiação que tende a fracassar porque ele encontra um laço social ao mesmo tempo em que vai construindo através desse laço um desenlace cada vez maior com os aspectos que se apresentam “positivamente” na cultura. Segundo Fraga (2002) não sendo reconhecidos pela sociedade em sua positividade, os jovens inscrevem-se nela pela negação, pelo recurso da violência. Porém como referem os adolescentes uma vez que se tenha entrado nesse universo a saída será sempre difícil, uma vez que determinados ‘acordos’, ‘alianças’ ou ‘contratos’ realizados no período de permanência nesse universo puxam, amarram deixando sem alternativas os jovens que por diferentes motivos viessem desejar abandonar tal universo. Um dos jovens que já esteve na FEBEM e que tem seu irmão lá refere:

“Às vezes, nós [referindo-se ao irmão] conversamos na gíria da FEBEM. (...) Ele fez vários negócios lá que... ele não queria ta nessa vida e coisarada, mas eu acho que ele não tem mudança, porcauso que ele tem mais uma coisinha na rua, umas brigas aí, mas uns assunto de tiro e coisarada.” (Adolescente, 17 anos, sexo masculino, Instituição 1)

Sobre os efeitos que as drogas e o álcool produzem os adolescentes assinalam um “estranhamento”, capaz de gerar mudanças de comportamento, atitudes não reconhecidas como habituais. Em relação a este aspecto uma das adolescentes refere:

“Não sei, a maioria, por causa de, acho que é por causa de droga... Por causa de droga acabam brigando... mudam a fisionomia do rosto, a cabeça tudo... passam a roubar, passam a não sei, fazer um monte de coisa perigosa.” (Adolescente, sexo feminino, 17 anos, Instituição 1)

Nesse sentido as drogas são apontadas como elementos que alteram o modo de ser e de se comportar das pessoas, sendo colocadas como responsáveis pelos comportamentos de seus usuários. Podemos entender que a relação com o que passamos a chamar “mundo das drogas”, é uma relação de dupla face, por um lado é preciso ter coragem para entrar nesse território; por outro, a entrada neste universo é vista como sinal de fraqueza por não ter resistido a esse convite, além do que a forma como se avança e se domina este mundo também indicam sinal de força, ascensão e poder, ao mesmo tempo em que indiferença e endurecimento, que podem também ser pensados como o pouco valor atribuído à própria vida.

Porém, também nos parece significativo assinalar que é sobre os efeitos da droga que eles referem cometer ou vivenciar situações violentas e dessa forma seu uso teria uma espécie de efeito anestésico ao mesmo tempo em que um encorajador da ação que por outro lado não é identificada pelo sujeito como sendo dele próprio. É como algo que está para além do sujeito, que o dominou e, portanto ele não se sente responsabilizado por seus efeitos, novamente ela vem em duplo, sendo o anestésico que permite o ato que sem seus efeitos não teria sido possível, é a ‘pilha’ na linguagem dos adolescentes, e por outro, ela destituiu o sujeito do ato praticado liberando seu compromisso com a ação, é sempre coragem versus fraqueza, êxito versus aniquilamento, são sentimentos associados que ora tem predomínio de um aspecto ora de outro dependendo do momento ou do lugar em que se está na relação com seu uso - se autor da violência ou se nesse momento identificado como uma vítima dela.

“Ontem ainda eu vi, o pai matou, foi obrigado a matar o filho, porque o filho estava drogado e dando na mãe, na mãe dele, daí o pai foi obrigado a atirar no filho (...), isso é coisa mais triste (...) Quando ocorre dentro da família assim.” (Adolescente, sexo feminino, 16 anos, Instituição 1)

Referimos-nos a este aspecto, pois quando os adolescentes trazem as situações de violência vividas em suas famílias, sempre associam a presença do álcool e das drogas como os que geraram tal violência, em expressões como “meu pai só era violento quando

bebia”, porém nesse momento quando falam dessa experiência sentem dor, raiva e desprezo por esse ‘pai’ que não conseguiu exercer a “paternidade”, que não foi capaz, que fracassou diante da possibilidade de renunciar a dependência e tornar-se um Pai. É, com condenação que falam desses adultos violentos.

“De 2002, que eu tomei um tiro do meu pai (...) É que eu cheguei, vim num sábado do colégio (...) e ele tava já bêbado já. Daí chegou discutindo comigo e daí eu não (...) não aceitei a provocação dele daí ele me deu um tiro e ficou por assim. Eu tive a sorte de não morrer, o tiro foi no peito.” (Adolescente, sexo masculino, 17 anos, Instituição 1)

Assim não há como essas ações violentas vindas do lugar onde deveriam ter se construído as relações de apego, cuidado e proteção (Bolwby, 2002), não gerarem sentimentos difíceis de serem elaborados e capazes de frear quando entram na adolescência uma saída pelo mundo do álcool ou das drogas, nesse momento já visto sob outra perspectiva.

O olhar do usuário não é o mesmo olhar vivido por filhos em relação a pais dominados pelo uso constante de tais substâncias. Mas por outro lado podemos pensar que é justamente esse olhar que viu familiares dependentes e que foi gerando raiva e revolta que facilita o acesso, abrindo caminho para a entrada num mundo antes repudiado e condenado por gerar tanto sofrimento. Podemos pensar que é justamente por ter sofrido tanto na vida familiar que esse adolescente vai buscar um refúgio na rua e lá vai ao encontro daquilo que ele mesmo acusa de ser causa de violência e de ter lhe causado tanto sofrimento, levando-o a sair de casa. Uma relação complexa e difícil de ser barrada quando não há alternativas de enfrentamento a essas experiências ficando os adolescentes sem opções que pudessem fazer frente a esta que tem se colocado para muitos como a única possibilidade.

Em qualquer uma das situações, seja autor ou vítima o importante para nós nesse momento é destacar que seu uso vem associado a situações de violência, o que se coloca como um importante indicativo da necessidade de um olhar mais atento, preocupado e criterioso em relação a esse tema em nossa sociedade. Zaluar (1994) em seus estudos com adolescentes no Rio de Janeiro, aponta a relação de sedução que este mundo produz aos jovens, relação que quase não encontra desafio, uma vez que as outras oportunidades de êxito vinculadas a outros projetos sociais estão totalmente enfraquecidas e a relação familiar não tem como fazer frente a este mundo que promete brilho, uma vez que nos referimos aqui a uma família vulnerável em termos de sua

inscrição na sociedade, que não tem acesso à maioria dos bens e confortos que hoje estariam disponíveis, vivendo, portando de um trabalho sem reconhecimento e como refere Levisky (1997) não consegue colocar-se como referência identificatória para seus filhos. Este aspecto é angustiante para os adolescentes porque mesmo tendo nas famílias (aqui sempre com primazia da mãe) uma referência afetiva quando ela foi possível, a relação mostra violência e pobreza como elementos que fizeram ou fazem parte de um grande sofrimento do qual se pensa sair. Porém, para sair há que abrir outra perspectiva, e, é justamente aí nesse espaço, que há o lugar para a entrada neste universo (Este aspecto foi também abordado por Peres, 2001). Acrescentamos, porém, que não significa que o aspecto afetivo que pode ter se construído em relação à família ou algum de seus membros não tenha valor, mas justamente o desejo de valorizar, qualificar essa relação e essa família é que fazem necessária uma busca por algo diferente.

Segundo Rizzini e Butler (2003), é justamente essa situação de desigualdade que favorece o processo de marginalização e a existência de crianças vivendo na rua, para quem as drogas passam a fazer parte do dia-dia, segundo a autora a maioria dessas crianças tem pais ou algum familiar dependente, o problema está justamente no conjunto de dificuldades que levam a impossibilidade de criar seus filhos.

AINDA HÁ ALGO A FAZER: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho aponta aspectos de fundamental relevância com relação ao discurso desses adolescentes em situação de rua, destaca-se o reconhecimento das situações de exclusão e a forte influência das drogas na relação com a violência.

É importante sinalizar também, que, o fato de que a violência seja identificada muitas vezes como tendo sua origem dentro de casa, no “lugar” de onde se espera a proteção, vem reforçar a emergência de políticas públicas de apoio à família e as crianças e adolescentes, assim como a intensificação das campanhas de enfrentamento à violência intra-familiar, uma vez que é ali onde se identificam os maiores sofrimentos, os quais têm forte influência sobre a construção de trajetórias de vida violentas.

É extremamente importante sinalizar também que se há um reconhecimento por parte dos adolescentes de que as origens da violência estão muitas vezes no ambiente familiar sendo geradas por consumo de álcool e drogas, há a necessidade de promover ações de prevenção em relação à violência, nesse sentido trabalhos de ação e apoio familiar que enfoquem

os aspectos relacionados aos vínculos iniciais tão importantes, devem se constituir numa prioridade na agenda nacional em termos de ações e políticas públicas voltadas aos cuidados familiares, as relações entre pais e filhos, as relações fraternas.

Por outro lado, a trajetória desses adolescentes os coloca ainda num caminho frágil e que carece de perspectivas, porém para as quais eles apontam saídas, sendo o trabalho há mais forte e capaz de fazer frente às “facilidades” e adversidades da vida nas ruas, é preciso saber reconhecer que há necessidade de mais oportunidades para os adolescentes e que estas permitam o acesso às demandas adolescentes, ou pelo menos de parte delas, o que parece não estar sendo possível.

Vivemos um momento peculiar em relação à infância e a adolescência, no sentido de que há uma legislação que permite tratar das situações da infância e da adolescência, de fato como uma etapa de direitos, que tem permitido a construção de importantes trabalhos, estudos e enfrentamentos em relação à mesma, por outro lado, esses adolescentes evidenciam o paradoxo de que ao mesmo tempo em que avançamos na conquista de direitos para as crianças e adolescentes vivemos uma situação de temor em relação aos mesmos, não sei se vivemos, em outro momento da história, tanto medo de nos relacionar com esse grupo social, criando-se cada vez mais uma barreira de terror entre esses adolescentes e a sociedade.

Por outro lado estamos cada vez mais sendo tomados pelo envolvimento precoce de crianças e adolescentes com o universo das drogas, aspecto que implica em sofrimento, destruição e exclusão. Ao mesmo tempo em que este fenômeno parece indicar a fragilidade de ações protetivas e de inclusão das crianças e adolescentes brasileiros, sobretudo aqueles que se encontram dentro do grupo aqui estudado.

REFERÊNCIAS

- Aptekar, L. (1996). Crianças de rua nos países em desenvolvimento: uma revisão de suas condições. *Revista Psicologia Reflexão e Crítica* [Porto Alegre], 9(1), 153-184.
- Arpini, D. M. (2003). *Violência e exclusão: adolescência em grupos populares*. Bauru: Edusc.
- Assis, S. G. (1999). *Traçando Caminhos em uma sociedade Violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Assis, S. G. & Constantino, P. (2005). Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. *Ciência e Saúde Coletiva* [Rio de Janeiro], 10(1), 81-90.
- Bleger, J. (1981). *Temas de Psicologia: Entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2002). *Apego e perda: apego* (Vol. 1). São Paulo: Martins Fontes.
- Castel, R. (2000). As armadilhas da exclusão. In Castel, R., Wanderley, L. E. W. Belfiore-Wanderley, M. *Desigualdade e a Questão Social* (pp. 17-50). São Paulo: EDUC.
- Chizzotti, A. (1998). *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez.
- Costa, J. F. (1994). *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Dimenstein, M., Zamora, M. H. & Vilhena, J. (2004). Da vida dos jovens nas favelas cariocas: Drogas, Violência e Confinamento. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF [Niterói]*, 16(1), 23-39.
- Diógenes, G. (1998). *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop*. São Paulo: Annablume.
- Feijó, M. C. & Assis, S. G. (2004). O contexto da exclusão e de vulnerabilidade de jovens infratores e de suas famílias. *Psicologia em Estudo [Maringá]*, 9(3), 157-166.
- Foucault, M. (1997). *Vigiar e punir: História da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.
- Fraga, P. D. (2002). Violência: forma de dilaceramento do ser social. *Revista Serviço Social & Sociedade: Violência* [São Paulo: Cortez], XXIII, (70), 44-58.
- Goldani, A. M. (1994). As famílias brasileiras: Mudanças e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas: A Família em Destaque [São Paulo: Cortez], (91), 7-22.
- Jovchelovitch, S. (2000). *Representações sociais e esfera pública: A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Koller, S. & Hutz, C. (1996). Meninos e meninas em situação de rua: dinâmica, diversidade e definição. In Koller, S. (Org.). *Coletâneas da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia: aplicação da psicologia na melhoria da qualidade de vida* (Vol. 1: n. 12, pp. 11-34).
- Levisky, D. L. (1997). *Adolescência e violência: Consequências da realidade Brasileira*. Porto Alegre: Artes Medicas.
- Lucchini, R. (2003). A criança em situação de rua: uma realidade complexa. In Rizzini, I. (Coord.). *Vida nas ruas: Crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis* (pp. 45-86). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Paugam, S. (1999). O enfraquecimento dos vínculos sociais – Uma dimensão essencial do processo de desqualificação. In Sawaia, B. B. (Org.). *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 67-86). Petrópolis: Vozes.
- Peres, V. L. A. (2001). Concepções de família em população de periferia urbana. In Sousa, S. M. G. (Org.). *Infância, adolescência e família* (pp. 217-230). Goiânia: Cànone Editorial.
- Rizzini, I. & Butler, U. M. (2003). Crianças e adolescentes que vivem e trabalham nas ruas: revisitando a literature. In Rizzini, I. (Coord.). *Vida nas ruas: Crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Rizzini, I. & Silva N. C. R. (2002). Direitos humanos e direitos da criança e do adolescente: Reflexões sobre desigualdades sociais e a questão dos “Meninos de Rua”. In Sousa, S. M. G. (Org.). *Infância e adolescência: Múltiplos olhares* (pp. 99-112). Goiânia: Ed. Da UCG.
- Rizzini, I. & Rizzini, I. (1996). Menores! Institucionalizados e meninos de rua: os grandes temas de pesquisa na década de 80. In Fausto, A. & Cervini, R. (Orgs.). *O trabalho e a rua: Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80* (2ª ed.): (pp. 69-90). São Paulo: Cortez.
- Rosa, M. D. (2007). Uma escuta psicanalítica de jovens da periferia – a construção de laços fraternos e amorosos. In Altoé, S. *A lei e as leis: Direito e psicanálise* (pp. 183-193). Rio de Janeiro: Revinter.

Rosemberg, F. (1996). Estimativa sobre crianças e adolescentes em situação de rua: Procedimentos de uma pesquisa. *Revista Psicologia Reflexão e Crítica* [Porto Alegre], 9(1), 21-58.

Soares, L. E. (2004). Juventude e Violência no Brasil contemporâneo. In: Novaes, R. & Vannuchi, P. (Org.). *Juventude e sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 130-159). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Zaluar, A. (1994). *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UFRJ.

Recebido em: 19-01-2010. Aceito em: 12-05-2011.

Nota:

¹ Neste trabalho, a utilização da expressão adolescentes em situação de rua traduz um conjunto de adolescentes que, embora tenha uma família ou algum vínculo familiar, um endereço, vive uma grande parte de seu cotidiano na rua e a tem como uma referência, tanto como possibilidade de sobrevivência ou como consequência do abandono e da violência familiar. Podem ser utilizadas

aqui as referências de Rosemberg (1996), Aptekar (1996), Koller e Hutz (1996) e Rizzini e Butler (2003) e Lucchini (2003).

Autor:

Dorian Mônica Arpini – Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo (1986), mestrado em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Santa Maria (1995) e doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Santa Maria. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: família, infância e adolescência, violência, exclusão e situação de risco, além de atuação na área da psicologia e saúde.

Camila dos Santos Gonçalves – Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria, Docente do Curso de Psicologia da UNIFRA, Santa Maria, RS.

Enviar correspondência para:

Dorian Mônica Arpini
Rua Tiradentes, 23 apto 701 – Centro
CEP 97050-730, Santa Maria, RS, Brasil
E-mail: <monica.arpini@gmail.com>